



HANNAH ARENDT NOS PASSOS DA POLÍTICA E FILOSOFIA: DA GRÉCIA ANTIGA ATÉ HOJE

Daiana dos Santos Silva*

RESUMO: *O artigo tematiza Hannah Arendt nos passos da política e filosofia: da Grécia Antiga até hoje. Neste estudo procuramos interligar alguns pontos que se encontram nas obras de Hannah Arendt, destacando aspectos significativos. Em um primeiro momento o artigo discute a concepção arendtiana de política e filosofia. No segundo momento conheceremos as esferas pública e privada. Por fim, apresentaremos a nossa compreensão da filosofia e sua relação com a política na contemporaneidade com base no pensamento político arendtiano.*

Palavras-Chave: Cidadão; Contemporaneidade; Filosofia; Política; Público; Privado.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos alguns aspectos da política no pensamento arendtiano. Estudar o pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) implica antes em conhecer um pouco de sua caminhada intelectual. Hannah Arendt é uma pensadora alemã, de ascendência judia, que nasceu em 14 de outubro de 1906 e faleceu em 1975, aos 69 anos, na Alemanha.

O seu objeto de estudo foram as ciências políticas, mas o pensamento dela abrange outras áreas, como a filosofia e a educação. Hannah Arendt é considerada uma pensadora audaz, não se encaixa em nenhuma escola filosófica. Ela trata de temas como poder, educação, liberdade, autoridade e totalitarismo. Para este estudo bibliográfico, foi necessária a leitura das seguintes obras de Hannah Arendt: *A condição humana*, *A dignidade da política*; tal leitura é de suma importância para que possamos compreender a política em Hannah Arendt que é abordada de vários modos. Sendo isso comum em filosofia, a tarefa do intérprete de Arendt é selecionar esses aspectos da política e lançar luz sobre algum ou alguns deles.

Esta é, portanto, uma pesquisa bibliográfica, que procura explicação sobre a política do ponto de vista de Hannah Arendt em suas obras acima referidas, buscando conhecer suas contribuições filosóficas do passado em torno da política, para entender a política de hoje. Como sabemos, a pesquisa bibliográfica nos oferece a possibilidade de novas descobertas, possibilitando-nos produção de sínteses. Neste texto analisaremos no primeiro momento a concepção arendtiana de política e filosofia. No segundo momento abordaremos as esferas pública e privada. Cumprindo este itinerário, estaremos aptos a conhecer um pouco a política em Hannah Arendt. A partir de então, proponho a discussão do último momento deste trabalho sobre a política contemporânea, tendo como base a linha do pensamento de Hannah Arendt e com a finalidade de perceber as mazelas existentes na atual conjuntura. Buscarei assim conhecer as contribuições filosóficas do passado em torno da política para entender alguns aspectos da política de hoje.

* Bacharel e Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL. E-mail: daiannassilva@gmail.com - Autora.



CONCEPÇÃO ARENDTIANA DE POLÍTICA E FILOSOFIA

Neste primeiro momento queremos trazer a discussão sobre a concepção arendtiana de política e filosofia. Muitos diriam que não há porque os filósofos se envolverem com a política. Esta concepção para Hannah Arendt começou quando Sócrates foi condenado a morte por defender suas idéias. Assim se instaurou o abismo que existe entre a filosofia e a política, separando-as definitivamente.

Vejamos, portanto, como a filósofa Hannah Arendt nos explica isto: “O abismo entre filosofia e política abriu-se historicamente com o julgamento e a condenação de Sócrates, que constituem um momento decisivo na história do pensamento político, assim como o julgamento e a condenação de Jesus constituem um marco na história da religião” (ARENDR, 1993, p. 91). Esta passagem já deixa claro que Arendt, ao comparar a condenação de Sócrates com a de Jesus está mostrando o quanto foi marcante este fato no pensamento grego político da época em que a filosofia estava envolvida.

Hannah Arendt ainda escreve: “Nossa tradição de pensamento político teve início quando a morte de Sócrates fez Platão desencantar-se com a vida da *polis* e, ao mesmo tempo, duvidar de certos princípios fundamentais dos ensinamentos Socráticos” (ARENDR, 1993, p. 91). Isso nos mostra o quanto a condenação de Sócrates fez com que seus seguidores, como é o caso de seu aluno Platão, se desencantassem pela filosofia e assim se desvinculassem da política.

Surgiram acusações contra os filósofos, o que ocasionou uma rivalidade entre a política e a filosofia. Os governantes, temendo perder o seu controle sobre a polis, condenaram Sócrates. Analisemos o pensamento de Arendt a respeito disto: “A acusação de que a filosofia pode privar os cidadãos de sua aptidão pessoal está implicitamente contida na célebre declaração de Péricles: *philokaloumen met’ euteleias kaú philosophouem aneu malakias* (amamos o belo sem exagero e amamos a sabedoria sem suavidade ou efeminação)” (ARENDR, 1993, p. 93-94). A citação acima deixa claro que a filosofia não amava as esculturas, poesia, música, ela estava preocupada em mostrar para a polis a verdade. Isso fez com que ela não fosse vista com bons olhos. Hannah Arendt tem uma outra posição a respeito da forma como a filosofia é vista pela política, trazendo-nos o seguinte pensamento:

Pois enquanto o pensamento e as ações de todos os homens estavam ameaçados por sua instabilidade inerente e pelo esquecimento humano, os pensamentos do filósofo estavam expostos a um olvido deliberado. A mesma polis, portanto, que garantia a seus habitantes uma imortalidade e uma estabilidade, que, ela, eles jamais poderiam esperar, era uma ameaça e um perigo para a imortalidade do filósofo. É bem verdade que o filósofo, em sua relação com as coisas eternas, era quem menos sentia a necessidade da imortalidade terrena. Essa eternidade, que era mais do que uma imortalidade terrena, entrava no entanto em conflito com a *polis* sempre que o filósofo tentava chamar a atenção de seus concidadãos para suas preocupações. (ARENDR, 1993, p. 95).

Arendt nos mostra que não só a filosofia era um perigo para política, mas também a política constituía um perigo para a filosofia, mesmo o filósofo não se importando com a imortalidade terrena.



AS ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA

Neste segundo momento, discutiremos as esferas pública e privada. Esta parte do artigo utilizará o 2º. Capítulo – As esferas pública e privada, do seu livro *A condição humana* – livro de Hannah Arendt sobre a condição humana escrito em 1958. Para Correia: “No prefácio de *A condição humana*, Hannah Arendt já anuncia que seu propósito não era fornecer respostas teóricas às perplexidades do nosso tempo, mas pensar o que estamos fazendo e reconsiderar a condição humana a partir de nossas experiências e nossos temores mais recentes” (CORREIA, 2007, p. 41). Passemos então a discorrer sobre a esfera pública.

Duas grandes questões aparecem nas reflexões de Arendt sobre o público. A primeira se refere “(...), que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (ARENDR, 1999, p. 59). A segunda se refere ao “(...) próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele” (ARENDR, 1999, p. 62). Podemos notar que essas questões se contrapõem. A primeira se refere a tudo que é acessível para uma sociedade, enquanto a segunda cita a distinção de lugar que existe, mas que nem todos podem ocupar.

Há uma passagem da esfera pública para a privada no qual a sociedade assume um caráter individual. A esfera privada, como o próprio nome já sugere, implica em privação. Como afirma Hannah Arendt em sua abordagem:

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privacidade reside na ausência de outros; para estes, o homem privado não se dá a conhecer, e portanto é como se não existisse. O que quer que ele faça permanece sem importância ou consequência para os outros, e o que tem importância para ele é desprovido de interesse para os outros. (ARENDR, 1999, p. 62).

Conforme o próprio extrato acima, Hannah Arendt, escritora de *A condição humana*, afirma que o indivíduo que se isola do mundo priva que os outros tenham importância para ele e ele tenha para os outros. É como se surgisse daí uma espécie de “o meu eu” em todas as ocasiões. No último tópico a seguir discutiremos um pouco sobre a filosofia e a sua relação com a política na contemporaneidade.

A FILOSOFIA E SUA RELAÇÃO COM A POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Neste momento final, propomos a discussão da política contemporânea no Brasil e em Salvador, tendo como base a linha do pensamento arendtiano. Nos dias atuais, ao analisarmos a nossa conjuntura política, veremos que ela está bastante deturpada. Nós como cidadãos não possuímos voz para decidir o que diz respeito ao destino do nosso país, do nosso estado, da nossa cidade. Ao passar os olhos ou ao assistir os noticiários de televisão veremos a denúncia da



população contra o governo da falta de investimento qualitativo e quantitativo nos setores da saúde, educação, habitação e emprego.

Em face às dificuldades citadas acima, faz-se importante nos reportarmos à obra de Hannah Arendt, que busca na origem passada da política uma compreensão do presente. No primeiro momento deste texto trouxemos a discussão da concepção arendtiana de Política e Filosofia. Como vimos foi a partir da condenação de Sócrates que se iniciou o abismo existente entre a política e filosofia. Como isso persiste até hoje? Aqui no Brasil o ensino de Filosofia não é nenhuma inovação, esta disciplina já foi obrigatória no século XIX. A filosofia foi retirada dos currículos em 1968, durante a ditadura militar. Podemos perceber que ela é ainda considerada por muitos uma “ameaça” ao sistema político. Giannotti, professor da USP, fala dessa época com as seguintes palavras: “Durante o regime militar, eram poucos os lugares em que se podia discutir filosofia sem a necessidade de controlar os efeitos políticos de nossas falas” (GIANNOTTI, 2006, p.5). Após a ditadura, neste início de século XXI ainda se luta pela inclusão da filosofia. Giannotti nos explica que:

No início dos anos 80, depois da abertura e com a volta dos professores cassados em virtude da lei da anistia, expandiu-se a rede dos cursos de pós-graduação no País, o que resultou num salto quantitativo considerável no nível de nossas pesquisas. Cada campo do conhecimento tratou assim, de criar uma associação reunindo os cursos de pós e promovendo encontros onde a produção da área pudesse ser comparada e as modas confrontadas. (GIANNOTTI, 2006, p.5).

Isso foi um avanço na pesquisa, mas no ensino de filosofia não houve esse avanço. Fala-se de um retorno da disciplina no ensino médio, mas por enquanto esse processo está lento. Porque agora a Filosofia depende da política. Mesmo a política sancionando leis, elas ainda não foram postas em prática. A exemplo disto é a lei Nº. 6.983/2006, sancionada pelo prefeito de Salvador João Henrique, que fala: “Art.1º-Determina a obrigatoriedade de incluir a disciplina filosofia, no currículo das escolas de ensino infantil e fundamental da rede municipal de ensino” (CARNEIRO, 2006, p.3). Esta lei foi Sancionada em 2006, mas até hoje não entrou em vigor.

Com base no segundo momento deste texto, que foi a discussão das esferas pública e privada, podemos refletir a situação atual da Filosofia diante da política. Como já foi dito anteriormente a filosofia se tornou dependente da política – algo que não poderia acontecer. Arendt questiona a política na educação, tema este não abordado aqui, mas que podemos salientar quando discutimos o ensino de filosofia.

Nós profissionais de Filosofia estamos esperando que a lei Nº. 6.983/2006 seja posta em exercício pois, caso contrário, ficamos cada um no individual, no privado. Não podemos esquecer que para Hannah Arendt o termo privado já sugere privação. Estamos nos privando de nos posicionar, é preciso que então compartilhemos esta luta. Temos que sair da esfera privada e ir para esfera pública. Para Arendt tudo que é público é para todos, mas cada um tem no mundo um lugar específico, nós profissionais de filosofia temos que buscar no mundo o nosso lugar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo selecionamos alguns aspectos da política em Hannah Arendt como: filosofia e política, as esferas pública e privada; porque algo como a política em Hannah Arendt é muito abrangente e difícil de ser trabalhado com profundidade. Convém enfatizar que o que mais me chamou a atenção nesse processo de leitura foram as diversas formas de política abordadas por Arendt. No segundo momento utilizamos a obra mais importante sobre a política em Arendt que é *A condição humana*. Mas ainda de uma perspectiva geral para a construção do texto, consultamos alguns ensaios do livro *A dignidade da política* e entre outras obras de intelectuais que estudam o pensamento de Hannah Arendt.

É necessário lembrar que Hannah Arendt deu importância central à questão política para explicar diversos temas. Para Correia: “A obra de Hannah Arendt tem sempre reafirmado seu vigor, não apenas por haver pensado a fundo os abismos de nosso tempo, mas também por conceber o pensamento estreitamente vinculado ao estar junto aos outros no mundo” (CORREIA, 2007, p.9). Certamente que a obra e o legado de Hannah Arendt continuam a responder inquietações na contemporaneidade. A construção deste trabalho se deu por uma análise sob a ótica do pensamento político de Hannah Arendt. A pensadora nas suas obras nos apresenta a política grega até a sua contemporaneidade. Por isso, no terceiro momento deste artigo utilizamos os fundamentos políticos do pensamento arendtiano para embasar a nossa discussão sobre a filosofia e sua relação com a política na contemporaneidade. Apresentamos a política e a sua relação com a filosofia no Brasil e em Salvador, com a finalidade de perceber as mazelas existentes na relação entre política e filosofia, e que todos nós refletíssemos sobre o momento atual, em que se fala em um retorno da filosofia ao ensino médio.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo; 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ARENDDT, Hannah. **A dignidade da política: ensaios e conferências**. Tradução Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1993.

GIANNOTI, José Artur. O fim da ditadura militar e o reaprendizado da conversa. **A tarde**, Salvador, 21 de Outubro de 2006, Caderno Cultural.

CORREIA, Adriano. **Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CARNEIRO, Barradas João Henrique. Lei Nº. 6.983/2006. **Diário Oficial do Município**. Salvador, 31 de Janeiro de 2006.